


## Apresentação do Dossiê – Análise de Redes Sociais (ARS) nas Ciências Sociais Brasileira: Teoria, Método e Aplicações Empíricas<sup>1</sup>

### Dossier Presentation – Social Network Analysis (SNA) in Brazilian Social Sciences: Theory, Method and Empirical Applications

\*Vinicius Assis Couto<sup>2</sup> 

\*Camila Caldeira Nunes Dias<sup>3</sup> 

#### Resumo

Ao longo de sua história, as Ciências Sociais têm apresentado dilemas teóricos e metodológicos cujos debates configuraram um profícuo campo de debates em torno de alguns problemas fundamentais da vida humana em sociedade. Questões como estrutura/ação e micro/macro são exemplos de desafios de difícil superação na busca das Ciências Sociais por explicações das relações sociais, culturais, políticas e econômicas que os sujeitos/atores/indivíduos estabelecem entre si. Entre uma gama de elaborações que buscam responder a esses dilemas, a concepção teórica/metodológica da Análise de Redes Sociais (ARS) se apresenta como uma das vertentes com maior capacidade de gerar novos debates sobre a superação das dicotomias, ao mesmo tempo em que abre trajetórias para novas formas de mensuração e compreensão da realidade social a partir de sua dinâmica relacional. Nesse sentido, o dossiê apresenta trabalhos que contribuem para o avanço na reflexão envolvendo a ARS, especialmente, em seu caráter interdisciplinar e nas contribuições que traz para o campo das Ciências Sociais, a partir de uma amplitude variada e através da análise de fenômenos empíricos diversos.

**Palavras-chave:** análise de redes sociais (ARS); teoria; método.

#### Abstract

The Social Sciences have theoretical and methodological dilemmas that built a fruitful debate. Issues such as structure/action and micro/macro are examples of challenges that are difficult to overcome. Among a range of elaborations which seek to answer these dilemmas, the theoretical/ methodological conception of Social Network Analysis (SNA) presents itself as one of the aspects with the grand capacity to generate new debates on overcoming dichotomies. At the same time, SNA builds new paths of understanding social

<sup>1</sup> Esse dossiê faz um agradecimento especial ao professor Cláudio Luis Camargo Penteado por suas colaborações essenciais.

<sup>2</sup> Fundação João Pinheiro, Núcleo de Estudos em Segurança (NESP/FJP, Belo Horizonte, MG, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5179-7131>.

<sup>3</sup> Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPG-CHS/UFABC, São Bernardo, SP, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8389-3830>.

reality and its relational dynamics. In this sense, the dossier presents works that contribute to the advancement of reflection involving ARS, especially in its interdisciplinary character. Furthermore, the dossier contributes to the social sciences field by analyzing diverse empirical phenomena.

**Key Words:** Social Network Analysis; theory; method.

## Introdução

Partindo do pressuposto que a Análise de Redes Sociais (ARS) constitui uma importante resposta tanto para os dilemas do passado, que ainda estão bastante presentes no campo das Ciências Sociais, bem como uma forma sofisticada de mensuração de interações na contemporaneidade, principalmente, em um mundo conectado pelas tecnologias, a proposta desse dossiê se constitui em torno da relevância teórica/metodológica da ARS para as Ciências Sociais. Indo além, se busca demonstrar a importância e as potencialidades explicativas/interpretativas da ARS, na qual cada vez mais se apresentam diferentes recortes empíricos. Nesse sentido, essa publicação buscou contemplar artigos de diferentes temáticas, mas com relevância para os debates atuais. Embora diversos, os artigos estão unidos por um componente principal em comum, a utilização das ARS como método ou tema de debate.

Esse texto introdutório, dessa forma, se destina apresentar, mesmo que sucintamente, os artigos que compõem o dossiê, algo que será feito na sua última parte. Antes, porém, uma breve discussão sobre ARS será exposta no intuito de fornecer ao leitor um panorama acerca da temática.

Como em qualquer texto introdutório, expor conceitos básicos é um bom ponto de partida capaz de balizar novos leitores e rememorar antigos. A ARS, como campo de estudo, é caracterizada por ter um vocábulo próprio, se apropriando de diversas terminologias, principalmente, àquelas advindas das Ciências Sociais e da Matemática.

São incontáveis os termos utilizados, sendo que cada um possui significado singular dentro da ARS, o que gera a impossibilidade de lidar com todos, pelo menos nesse texto. Porém, não se poderia furtar de expressar ao menos uma noção básica de rede social, bem como suas perspectivas. Para tanto, utiliza-se o livro de Wasserman e Faust (1994), que é um robusto e abrangente trabalho na busca de traduzir as formas e os métodos que compõem a ARS.

Nesse sentido, redes sociais, para os atores, é a denominação dada para um conjunto de atores e suas relações. Por sua vez, as relações podem ser entendidas como coleções de laços que, independentemente dos seus formatos e valores, interligam os atores. Enquanto o conceito de ator, mais que uma definição voltada para ideia de um indivíduo que age, é a nomenclatura adotada para definir quaisquer indivíduos, corporações ou unidades sociais coletivas que participam e geram relações.

Contudo, mais importante do que buscar uma definição que possa ser abrangente e, ao mesmo tempo, simples ao ponto de servir para inúmeras vertentes e adoções das ARS, é preciso entender seus pressupostos ou perspectivas:

- Actors and their actions are viewed as interdependent rather than independent, autonomous units
- Relational ties (linkages) between actors are channels for transfer or "flow" of resources (either material or nonmaterial)

- Network models focusing on individuals view the network structural environment as providing opportunities for or constraints on individual action
- Network models conceptualize structure (social, economic, political, and so forth) as lasting patterns of relations among actors (WASSERMAN; FAUST, 1994).

As três perspectivas apresentadas por Wasserman e Faust (1994) é um interessante ponto de largada não apenas para entender a ARS, bem como ajuda a perceber e localizar a ARS dentro de um espectro de conhecimento das Ciências Sociais

No âmbito das Ciências Sociais, o pressuposto de que o comportamento humano deve ser compreendido através de seus padrões de interação social coloca Georg Simmel na posição de precursor da teoria das redes sociais (SIMMEL, 1983). Contudo, a gênese do conceito de rede social remete à antropologia social britânica, mais especificamente, aquela ocorrida na década de 50. Ainda mais preciso, pode-se elencar contribuições de Radcliffe-Brown (1952) na caracterização da estrutura social como uma rede de relações institucionalmente controladas ou definidas. Dentro da perspectiva funcionalista de Brown, o conceito de rede era utilizado como uma simbologia para a compreensão da estrutura social e, neste sentido, remetia às situações de permanência ao invés de articulações temporárias (ENNE, 2004).

Na década de 60, com John A. Barnes (1987), o conceito de rede social começa a ser utilizado a partir de uma perspectiva propriamente analítica. Para este autor, o conceito de rede implica a articulação de indivíduos através de interações sociais e não por composições egocêntricas (BARNES, 1987).

Embora o conceito inicialmente seja remetido à antropologia, é no âmbito propriamente da teoria social que geralmente as relevantes contribuições da ARS são mais expressivas. De uma forma esquemática, pode-se afirmar que as contribuições da ARS, quando voltada à teoria social, estão inscritas em dois debates fundamentais da tradição sociológica. O primeiro debate pode ser traduzido pela relação entre as perspectivas micro e macro. Por sua vez, o segundo utiliza a relação entre estrutura social e ação individual como referência.

Como afirmado anteriormente, o postulado básico da teoria das redes reside na ideia de que a teoria sociológica macroestrutural deve ser construída sobre fundações micro. E, desta forma, propõe um caminho para superar a questão clássica no debate teórico, a dualidade indivíduo/sociedade. Neste sentido, a ARS se coloca como uma opção para responder, simultaneamente, a dois problemas teóricos nas Ciências Sociais: de um lado, a explicação do comportamento dos indivíduos através das redes – portanto, das relações – em que eles estão inseridos e, por outro lado, explicar a forma como as redes estão estruturadas tendo como ponto da análise as interações dos indivíduos, suas motivações e as diversas categorias que podem ser identificadas nas relações que estabelecem com diferentes atores (indivíduos ou instituições) (EVERTON, 2012; PORTUGAL, 2007).

A relação entre a estrutura social e a configuração das redes é outro aspecto importante da contribuição teórica da ARS na teoria sociológica. Neste sentido, trata-se de discutir o quanto as escolhas individuais estão condicionadas pelo contexto no qual o indivíduo está inscrito, ou seja, o ponto de partida da análise relacional, deve considerar atributos básicos que darão a um determinado indivíduo as condições nas quais ele poderá estabelecer relações e, ainda, definirá os tipos de relações que ele

poderá estabelecer, os atores com os quais poderá se conectar e, desta forma, estruturará um conjunto de oportunidades limitadas.

Em perspectiva similar, a forma analítica inscrita na ARS apresenta a potencialidade de superar a dicotomia macro-micro uma vez que dirige o olhar para o comportamento individual sem perder de vista a inserção do indivíduo nas estruturas sociais que o condicionam ou, ao menos, conferem o espaço no qual ele move. A análise de redes articula, dessa forma, as duas dimensões, considerando o indivíduo a partir de sua inserção numa estrutura de redes que, embora seja condicionada pela sua posição na estrutura social, confere o espaço para a liberdade individual, possibilitando algum deslocamento nesta mesma estrutura (PORTUGAL, 2007).

Em um olhar próprio da Análise de Redes Sociais, as interações sociais são constituídas de determinados padrões que podem levar à criação de formações sociais em nível micro (individual, identidade), meso (grupos) e macro (instituições, nações). Por meio dessas formações ainda é possível entender a gestação de solidariedade de grupo, normas de comportamento, símbolos de pertencimento, identidade, entre outros aspectos importantes das interações sociais e caros para as Ciências Sociais.

Correlacionando a premissa exposta acima e partindo do entendimento de que existe interdependência entre os indivíduos e a constituição da estrutura social, em termos de padrões de laços entre atores (indivíduos, grupos ou instituições), e, por fim, considerando o caráter dinâmico da conformação das próprias redes sociais, é possível considerar ARS um conjunto amplo de variáveis em termos das quais uma rede social pode ser analisada (EVERTON, 2012). Nessa perspectiva, no que tange às questões metodológicas, as contribuições das ARS são também de grande relevância. Na verdade, a ênfase nos métodos é tão forte que, por vezes, as próprias concepções teóricas das ARS se confundem com sua metodologia.

Como metodologia, a principal inovação proposta é a mudança da unidade de análise, assim, ao invés da utilização comum de atributos estanques (idade, raça, sexo, renda, gênero, entre outros), a questão a ser focalizada é a forma relacional pela qual os indivíduos se conectam. Nesse cenário, atributos tradicionalmente analisados nas Ciências Sociais, como os supracitados, são compreendidos a partir das relações sociais e das interações entre os atores. Em outras palavras, o foco se desloca das características do indivíduo *per se* para as relações sociais através das quais eles se conectam. Dessa forma, com essa mudança de olhar, se observa também alterações nas formas de categorização. Ou seja, busca-se afastar (ou, pelo menos, se procura não colocar como principal objeto de análise) padrões e características tradicionais para as análises sociais, os substituindo por fatores e questões que eram ainda poucos explorados, tais como posição dentro da rede, força e/ou regularidade das interações e fluxos informacionais. A adoção da perspectiva da unidade de análise focalizada nas relações entre os atores inicia novos focos analíticos próprios da ARS. Coesão da rede (densidade, geodésica e reciprocidade), centralidade do ator (proximidade, grau absoluto e intermediação) e posição dentro da rede (equivalência, autonomia e controle estrutural) tornam-se objetos de análises comumente utilizados nessa perspectiva (HIGGINS; RIBEIRO, 2018).

É dessa forma que esse texto introdutório propõe apresentar a ARS, como um campo que retoma as ideias de Simmel (1950), ao conceber, no centro do seu debate metodológico e teórico, que estruturas sociais são originadas por rede de relações entre indivíduos e seus padrões de interações. Ao mesmo tempo em que busca superar dilemas importantes das Ciências Sociais, a partir de relações micro e individualizadas

entre atores, mas não furtando de pensar e mensurar os resultados dessas relações como fator componente de criação e, por muito, de reafirmação de estruturas sociais. Ou seja, em uma perspectiva de que a formação de estruturas sociais é composta por meios de adoção de formas elementares de relações entre díades e tríades. Assim, as estruturas sociais vistas sob olhares e métodos da ARS não se reduz a soma de interações ou atributos, mas sim é o resultado das dinâmicas desenvolvidas por meio das relações interdependentes.

### **Três Exemplos Seminais da Utilização da Análise de Redes Sociais**

Vencida, pelo menos momentaneamente, a proposta de elucidar as perspectivas da ARS, bem como o seu “local” dentro das Ciências Sociais, esse texto pretende expor exemplos de utilização da ARS como forma exemplificativa. Os exemplos de trabalhos escolhidos, possivelmente, são os mais celebres, todos possuem objetos de análise que dialogam com o capital social, um conceito caro da Sociologia.

A capacidade que emerge por meio da ARS de traduzir as interações entre atores em avaliações de estruturas sociais já criou diversas contribuições importantes para as Ciências Sociais; entre elas, estão propostas amplamente referenciadas, como as de Granovetter (1977), Coleman (1988) e Burt (2001). Olhando para a mesma questão, o capital social, contudo, com linguagem e focos distintos, os atores destacam como a conformação de rede pode facilitar ou impedir fluxos que atuam diretamente na vida dos atores. Assim, as famosas pontes e laços fracos de Granovetter (1977), as redes fechadas de Coleman (1988) ou os buracos estruturais de Burt (2001) tem um ponto de inflexão analítico, a saber, a forma pela qual a informação flui em uma determinada rede social.

Buscando fugir da dicotomização entre macro e micro, Coleman (1988) constrói uma concepção de capital social em que o número de interações entre os atores dentro de uma rede é utilizado como um componente explicativo. Assim, entre a visão holística, na qual o indivíduo é um ser hiper socializado, formatado por normas e regras e suas ações se traduzem como sendo produtos do meio; e a visão individualista, pautada na teoria neoclássica da economia em que as ações nada mais são que resultados das vontades individuais, Coleman constrói sua teoria, alegando que as duas abordagens da ação do sujeito são partes do mesmo processo social, passível de ser compreendido pelo conceito instrumental de capital social.

A definição mais simples de capital social exposta por Coleman é que esse é um recurso específico, entre tantos outros recursos, disponível para um ator. Ao ser definido como qualquer outro recurso, o capital social tem a sua precisão de conceituação quando se entende sua função. Desta forma, o capital em questão só pode ser entendido e definido pelas suas próprias funções. Ao emergir das relações entre atores, o capital social tem como pressuposto principal as interações. Por isso, suas variáveis de análise, quase em sua totalidade, serão variáveis relacionais, em detrimento das variáveis estanques. Para o autor, é nesse sentido que se justifica, por exemplo, a distinção entre capital social e capital humano, no qual o pressuposto principal do último são habilidades e capacidades individuais. Excluindo, assim, o componente interacional.

Para além do seu caráter interacional, o capital social para Coleman se constitui em um processo multinível, no qual existe o indivíduo como portador do capital social, bem como a estrutura social onde esse capital ressoa e se constitui. Entre as principais

formas pelas quais o capital social se desenvolve estão a obrigação e a estrutura da confiabilidade. Coleman advoga que as relações de trocas de favores geram obrigações latente nos atores, que, por sua vez, criam um estoque de crédito entre eles. Entretanto, para que essas trocas sejam possíveis é necessário ter um amparo de estrutura de confiabilidade na qual os atores têm como pressuposto que os outros, envolvidos na relação, irão cumprir o acordado.

Partindo dessa concepção, Coleman discute se há formatos de estruturas sociais mais propícios a gerar capital social. Para o autor, todas as estruturas têm, potencialmente, a capacidade de gerar capital social, entretanto, alguns tipos de estruturas sociais aumentam as possibilidades. Nesse contexto, surge a ideia de redes fechadas.

As redes fechadas são estruturas relacionais nas quais os atores estão todos conectados entre si. Neste tipo de estrutura, segundo Coleman, a criação e o controle dos atores são facilitados pelo maior número de interação entre eles. Entretanto, estruturas fechadas não apenas facilitariam as normas e sanções como também trazem a possibilidade da criação de melhores estruturas de confiabilidade e, conseqüentemente, a criação de relações de obrigações.

One property of social relations on which effective norms depend is what I will call closure. In general, one can say that a necessary but not sufficient condition for the emergence of effective norms is action that imposes external effects on others. [...] Closure of the social structure is important not only for the existence of effective norms but also for another form of social capital: the trustworthiness of social structures that allows the proliferation of obligations and expectations. Defection from an obligation is a form of imposing a negative externality on another. Yet, in a structure without closure, I can be effectively sanctioned, if at all, only by the person to whom the obligation is owed. Reputation cannot arise in an open structure, and collective sanctions that would ensure trustworthiness cannot be applied. Thus, we may say that closure creates trustworthiness in a social structure (COLEMAN, 1988, p.105-107).

Dissertar sobre uma maior conectividade entre os atores de uma rede necessariamente é discorre sobre a densidade existente nesta rede. Dessa forma, em outras palavras, Coleman argumenta que uma maior densidade (número de laços por atores) de uma determinada rede, consequência direta de uma rede fechada, aumenta o potencial do ator pertencente à rede em desenvolver um capital social.

Por sua vez, Granovetter (1977) parte de um outro pressuposto. Em seu estudo seminal Granovetter, bem como Coleman, em *Social Capital in the Creation of Human Capital* (1988), entende que há uma lacuna na Sociologia no que se refere à capacidade de analisar de forma satisfatória os níveis micro e macro conjuntamente. A saída, para Granovetter, que geraria um melhor resultado para o famoso dilema das Ciências Sociais, também seria entender as interações localizadas entre macro e micro por meio das ARS. Para o autor, a ARS produz a possibilidade de perceber padrões de grandes dimensões através de estudos de pequenas interações. Ao mesmo tempo, a ARS permitiria captar esses mesmos padrões ressoantes nas pequenas interações.

Nesse sentido, o pressuposto é analisar as relações interpessoais, levando em consideração os tipos de interações produzidas no nível das microrrelações, e como

essas interações influenciam e interferem em concepções de relações no nível macro, tais como coesão, organização política e mobilidade social, entre outras.

The major implication intended by this paper is that the personal experience of individuals is closely bound up with larger-scale aspects of social structure, well beyond the purview or control of particular individuals. Linkage of micro and macro levels is thus no luxury but of central importance to the development of sociological theory. Such linkage generates paradoxes: weak ties, often denounced as generative of alienation (Wirth 1938) are here seen as indispensable to individuals' opportunities and to their integration into communities; strong ties, breeding local cohesion, lead to overall fragmentation. Paradoxes are a welcome antidote to theories which explain everything all too neatly (GRANOVETTER, 1977, p. 1377-1378).

Partindo da concepção de que as interações interpessoais possuem um caráter positivo, Granovetter propõe um olhar para a força da interação, como forma de mensuração das microrrelações. Para tanto, define quatro fatores independente, embora correlacionados, que aferiria a força de interação (a saber, intensidade emocional, quantidade de tempo, confiança mútua e reciprocidade)

Uma das propriedades interessantes trazida pelo autor é que se dois atores possuírem uma relação forte e, ao mesmo tempo, o primeiro ator possui uma outra relação forte com um terceiro, há uma grande possibilidade do segundo ator também ter uma relação com esse terceiro ator. Esse pressuposto de análise acerca dessa forma elementar de rede, a tríade, é importante para entender por um lado a capacidade de difusão da informação e, por outro lado, a potencialidade dessa mesma informação em deteriorar, ao se tornar redundante.

O processo de difusão entre os atores se dará, para Granovetter, de forma potencializada pelo ator que é considerado a “ponte” da rede – essa caracterizada por um ator que possui relação apenas com um dos outros dois atores em uma rede tríade, como a supracitada. Por sua vez, dado que há uma probabilidade muito pequena de um ator com relações fortes conhecer um ator e desconhecer o outro, potencialmente, por exclusão, o ator “ponte” possui com os outros atores um laço fraco. Desta forma, em outras palavras, os processos de difusão em rede são feitos por atores “ponte” que por definição possui sempre laços fracos com outros atores. Neste sentido, o pressuposto do autor é que os indivíduos que possuem muitos laços fracos estão em uma colocação melhor de uma rede social, posto que aumenta a sua probabilidade de difundir ou receber informações novas, ao aumentar a possibilidade de interações com atores pontes.

Por meio da ideia de atores pontes, advindos de laços fracos, Granovetter constrói análises de amplitude tanto de nível micro como macro. Partindo, primeiro do indivíduo, através de análise de redes, que a literatura convencionou a chamar de redes egocentradas, é possível afirmar que quanto mais laços fortes existem, maior é a densidade da rede, por oposição, quanto mais laços fracos menor é a densidade.

Utilizando-se dessa premissa, juntamente com estudos acerca da difusão da informação e mobilidade econômica advinda pelas chances de emprego, ao localizar o pertencimento (leia-se a quantidade e intensidade de laços fortes e fracos) de um ator em uma rede de relações, Granovetter advoga que são os laços fracos os

responsáveis diretos pelo aumento das chances de emprego. Por dedução, indo contra ao senso comum, é possível afirmar que redes mais densas dificultam as chances de emprego.

Além de afirmar que no nível individual os laços fracos são fontes de mobilidade, Granovetter entende que no nível macro, os laços fracos são responsáveis por fortalecer a coesão social intergrupo. Neste caso a coesão social é fortalecida através do aumento de um “senso comunitário”, gerado de encontros e reuniões que em tese inexistiriam sem os atores pontes.

Burt (2001), parte do mesmo pressuposto, isto é, da capacidade de conformações de redes sociais incidirem diretamente nas possibilidades de aquisição de capital social pelos atores que as compõem. Contudo, diferentemente de Granovetter, cujo foco é a intensidade das relações, ou mesmo Coleman, no qual a densidade da rede é um pressuposto basilar, Burt discute como a posição de um ator dentro de uma rede é fundamental na construção do seu capital social.

A ideia de que a posição dos atores dentro de uma determinada rede pode lhe garantir benefícios, parte do entendimento de que capital social é uma metáfora acerca das vantagens que os indivíduos acumulam, isto é:

The social capital metaphor is that the people who do better are somehow better connected. Certain people or certain groups are connected to certain others, trusting certain others, obligated to support certain others, dependent on exchange with certain others. Holding a certain position in the structure of these exchanges can be an asset in its own right. That asset is social capital, in essence, a concept of location effects in differentiated markets (BURT, 2001, p.32).

Um pressuposto interessante em ARS é que as informações/oportunidades tendem a deteriorar ao serem transmitidas de um ator para outro, nesse sentido, um ator não central pode receber informações com uma qualidade muito menor dentro de uma rede. Dessa forma, ter uma posição centralizada seria uma vantagem. Contudo, Burt realça uma segunda questão, a questão temporal. Isso é, mesmo que, de alguma forma, fosse garantida a qualidade da informação de forma isométrica, como os indivíduos, dentro de uma rede, tomam consciência das informações/oportunidades em momentos temporalmente diferentes, tal discrepância gerará vantagens para alguns deles.

Nesse sentido, seja pela questão temporal seja pelo fator qualitativo, a posição dos atores é um fator relevante. Destaca-se a figura do *broker* como uma posição importante em redes nas quais se observam buracos estruturais.

Entendo buracos estruturais como espaços vazios de interações de uma determinada rede, capazes de gerar ausência de conhecimentos entre determinados atores, a figura posicional do *broker* atua como uma ponte, capaz de fluir ou interromper fluxos informacionais entre atores ou grupos.

Tanto Coleman (1988), Granovetter (1977) quanto Burt (2001) são exemplos pilares de utilização da ARS no intuito de lidar com problema teóricos e/ou práticos que permeiam as Ciências Sociais. Os textos são exemplares seminais de um franco desenvolvimento na utilização da ARS nas últimas décadas. Borgatti and Lopez-Kidwell (2011) classificam tais estudos em uma vertente teórica denominada de



Modelo de Fluxo de Rede, pois todas têm como ponto central a busca do entendimento de como a informação flui<sup>4</sup>.

### **A Proliferação da Utilização das Análise de Redes Sociais em Estudos Acadêmicos**

Em pesquisa rápida no Google Acadêmico sobre textos acadêmicos que citam diretamente a expressão “*Social Network Analysis*”, observa-se que o termo foi utilizado 524 mil vezes, sendo mais de 47 mil apenas nos últimos cinco anos. Essa quantidade de produção gera a impressionante média de utilização de 25 vezes ao dia. Na língua portuguesa, embora com um quantitativo menor, os números ainda são impressionantes. Quando buscado o termo “Análise de Redes Sociais” o resultado encontrado em cerca de 12 mil casos, sendo mais 4 mil nos último cinco anos. Pensando em média, esse número representa a utilização do termo, pelo menos, 2 vezes ao dia. Assim como o progressivo volume de produção sobre ARS, se observa a expansão temática que utilizam da sua teoria e método. É possível afirmar que cada linha precursora da ARS se desdobrou em tantas outras escolas que deram continuidade, aprofundaram e expandiram as teorias, os métodos e a aplicações empíricas. Tudo isso demonstra a capacidade da ARS em ter uma aplicação bastante diversa, transitando por diferentes áreas do conhecimento. Isto é, em outras palavras, a ARS possui uma aguçada perspectiva multidisciplinar.

Mesmo com toda essa potencialidade multidisciplinar que os estudos que utilizam a ARS apresentam, é possível pensar em arranjos dentro da própria área cujo intuito é garantir classificações mínimas. Muito mais construções cognitivas e teóricas do que uma função prática, tais classificações buscam melhor explicitar o campo de conhecimento. Possivelmente por sua simplicidade e abrangência, entre diversas sugestões de classificações, destaca-se a proposta de Borgattiand Lopez-Kidwell (2011). Para os autores existem dois enfoques principais: *Theory of Network* e a *Network Theory*. O primeiro enfoque dedica-se a analisar como as redes se formam, assim, o olhar para a construção da rede tem um papel principal, no qual, em geral, a explicação se destina em entender os motivos pelos quais surgiram e estabeleceram uma determinada rede. Por sua vez, a *Network Theory* já parte do pressuposto da existência das redes sociais, focalizando suas análises nas propriedades e características dessas redes.

Para além de toda as construções e contribuições teórica/metodologia da ARS para as discussões clássicas das Ciências Sociais, a ARS se tornou uma importante ferramenta para entender as novas formas de sociabilidades postas na atualidade, principalmente aquelas que emergiram com a evolução da informação via advento da internet e outras formas recentes de comunicação.

Não se pode deixar de ressaltar que os avanços técnicos da informática produziram um incremento significativo da ARS, aprimorando e refinando a construção de variáveis, a coleta de dados e informações e a própria forma de processamento e sua representação. Também é possível afirmar de que a expansão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) trouxe profundas transformações para as relações humanas. A conectividade por meio do uso dos canais de comunicação

<sup>4</sup> Apenas a título de conhecimento, Borgattie Lopez-Kidwell (2011) possuem ainda um segundo modelo de classificação dos estudos sobre ARS, denominado Modelo de Arquitetura de Rede. Neste modelo, o fluxo da comunicação deixa de ser o ponto principal da rede, dado que a rede está “alicerçada” em estruturas produzidas por laços entre os atores. Neste sentido, ao invés de pensar no fluxo da comunicação se dá importância à coordenação da comunicação.

produziu novas dinâmicas econômicas, políticas, sociais e culturais, que introduz além de uma nova agenda de pesquisa interdisciplinar, que articula diversos campos do conhecimento. Esse processo ganha relevância com a popularização da Internet, principalmente pelo uso intensivo das plataformas de redes sociais, permitindo que pessoas comuns participem ativamente do processo de produção e do fluxo informacional, devido ao crescente aumento de conectividade e interação, produzindo uma massiva quantidade de dados que podem ser rastreados e analisados.

Se de um lado os rastros digitais, produzidos pelos próprios usuários, trazem novas possibilidades para as teorias sociais estudarem os indivíduos e seus agregados (LATOUR, 2010), por outro lado, essa interação online inaugura novas formas de sociabilidade e de expressão do self (PAPACHARISSI, 2011), como também possibilita a emergência da comodificação das interações humanas (FUCHS; SANDOVAL, 2013), transformadas em dados que são apropriados pelas grandes corporações de tecnologia na expansão do capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2017) e de vigilância (ZUBOFF, 2015). Toda essa potencialidade de coleta de dados abre novas possibilidades empíricas de pesquisa, potencializando investidas teórico-metodológicas no campo das redes sociais digitais, ampliando ainda mais o lócus de aplicação da ARS.

Desta forma, adequada para a realidade que emergiu, a ARS continua em um processo contínuo de desenvolvimento tanto dos métodos utilizados como na consolidação teórica. Não por acaso a utilização da ARS no Brasil vive em franco crescimento nos últimos anos, se espalhando através dos mais diversos universos empíricos e fórmulas teóricas.

### **Os Estudos que Compõem esse Dossiê**

Como componente importante dos avanços na teoria social, nas pesquisas aplicadas e nas modelagens de estatística formais - uma simbiose entre teoria e método (WASSERMAN; FAUST, 1994) - é assim que o dossiê pretende contribuir para o campo analítico que envolve a utilização da ARS. Neste sentido, os trabalhos reunidos aqui se situam no aporte da ARS, em seu caráter interdisciplinar e nas contribuições que trazem para o campo das Ciências Sociais, assim como apresentam possibilidades de aplicações empíricas em diferentes problemas, questões e desafios postos em distintos recortes temáticos e em múltiplos objetos de estudos.

O primeiro texto que abre esse dossiê, chamado "*Métodos mistos na análise de redes sociais: integrações, virtudes e desafios*", aborda as dimensões propriamente metodológicas da Análise de Redes Sociais (ARS), articulando a discussão em torno da sua integração com os métodos qualitativos. Partindo de exemplos empíricos concretos na área de crime e segurança, o texto aponta aspectos promissores e questões desafiadores dos métodos quantitativos e dos métodos qualitativos na ARS, bem como levanta possibilidades para o uso integrado dos métodos. Esse artigo de abertura é o único trabalho que lida com ARS como objeto de teorização. O texto é uma interessante ferramenta para discussão introdutória da utilização ARS como método.

Já o segundo texto, "*Redes, Mídias Sociais e Discurso: uma análise bibliométrica dos estudos brasileiros do campo entre 2010-2021*" apresenta uma revisão integrativa das pesquisas brasileiras sobre mídias sociais e discurso, através do uso da metodologia de análise bibliométrica. Os principais achados apresentados no texto apontam para um movimento importante nas Ciências Sociais que impulsionou o desenvolvimento das Análises de Redes Sociais que, inicialmente, estava relacionada à técnica da análise do

discurso e à concepção de redes e relações sociais, mas que foi dinamizada pelo processo de plataformização da *web*, conferindo centralidade ao papel das mídias sociais nas novas formas e sociabilidade contemporâneas.

Saindo de um estudo mais hermético à academia, voltado para o campo de conhecimento, e se dirigindo para uma investigação de acontecimentos empíricos, o artigo “*Rede de relações na prática política: Um estudo de caso da atuação relacional na Câmara dos Deputados em torno da PEC da redução da maioria penal*” utiliza a Análise de Redes Sociais (ARS) de uma perspectiva metodológica e epistemológica para compreender as relações mobilizadas na Câmara dos Deputados em torno da votação PEC da redução da maioria penal. Utilizando pesquisa documental – coleta de informação em jornais, revistas e no Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados – a rede de relações parlamentares que atuaram no evento é (re)construída e representada por meio da elaboração de sociogramas, envolvendo a utilização do aplicativo GEPH.

Em síntese, há a constatação de que, a partir de elementos relacionados à centralidade de intermediação, os recursos relacionados à capital social foram amplamente utilizados e, desta forma, confirma-se a premissa da importância dos laços frágeis.

Abordando outro contexto empírico, o trabalho “*Redes pessoais de egressos do sistema prisional e inserção no mercado de trabalho*” tem como foco a análise da estruturação das redes pessoais de egressos do sistema prisional e a forma como operam quando relacionadas à fatores como escolaridade, experiência profissional, trajetória no cárcere e o estigma. Nessa linha de investigação observa-se o impacto produzido na inserção desses indivíduos no mercado de trabalho.

Por meio de dados coletados com a aplicação de entrevistas semiestruturadas e de questionários sociométricos realizados com seis egressos do sistema prisional de Minas Gerais, a análise aponta para o predomínio dos laços fortes com baixo nível de renovação nas redes pessoais dos egressos, sendo que o medo do preconceito contribui para o fechamento dessas redes sociais. Por fim, o texto mostra, ainda, como o primeiro emprego após sair da prisão produz um efeito de “rejuvenescimento” das redes pessoais estabelecidas por esses atores, indicando novas possibilidades de construção de redes sociais.

Finalmente, o artigo “*Vidas Negras Importam: Análise de Redes Sociais do ativismo em nuvem sobre os episódios #80Tiros e de George Floyd*” apresenta uma análise da discussão em torno de casos de assassinato de pessoas negras por forças de segurança do Estado, partindo dos casos do assassinato de Evaldo Rosa, negro, morto com 80 tiros, pelo Exército brasileiro, e do homicídio de George Floyd, nos Estados Unidos da América, sufocado por um policial branco. A partir do mapeamento da repercussão desses casos no Twitter e utilizando a Análise de Redes Sociais, foi possível observar os marcadores da branquitude através da identificação de grupos formados nas redes sociais digitais e as práticas discursivas acionadas por eles, bem como comparar diferenças apresentadas pela conformação das redes sociais digitais construídas nos dois casos empíricos selecionados.

Os cinco textos que compõem esse dossiê, todos com temáticas díspares, indicam a diversidade e a potencialidade da utilização da ARS como método. Assim, ao mesmo tempo em que garantem ao leitor estudos com diferentes e interessantes objetos de análise, esse dossiê sinaliza para uma constatação: a ampliação temática e

quantitativa da utilização da ARS nos últimos anos no país. Esse dossiê é, dessa forma, mais uma contribuição de um processo relativamente recente no Brasil, mas já consolidado de adoção ARS como parte importante de estudos nas Ciências Sociais.

## Referências

- BARNES, John A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. p. 159-194.
- BORGATTI, Stephen P.; LOPEZ-KIDWELL, Virginie. Network theory. In: SCOTT, John; CARRINGTON, Peter J. *The SAGE handbook of social network analysis*. London: SAGE, 2011, p. 40-54.
- BURT, Ronald S. Structural holes versus network closure as social capital. In: LIN, N., COOK, K. S.; BURT, R. S. (ed.). *Social capital: theory and research*. New York: Aldine de Gruyter, 2001. p. 31-56.
- COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 94, p. S95-S120, 1988.
- ENNE, Ana Lúcia S. Conceito de rede e as sociedades contemporâneas. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 264-273, 2004.
- EVERTON, Sean F. *Disrupting dark networks*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- FUCHS, Christian; SANDOVAL, Marisol (ed.). *Critique, social media and the information society*. New York: Routledge, 2013.
- GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. In: LEINHARDT, Samuel. *Social networks*. Cambridge: Academic Press, 1977. p. 347-367.
- HIGGINS, Silvio Salej; RIBEIRO, Antonio Carlos Andrade. *Análise de redes em ciências sociais*. Brasília, DF: Enap, 2018.
- LATOUR, Bruno. Networks, societies, spheres: reflections of an actor-network theorist. In: INTERNATIONAL SEMINAR ON NETWORK THEORY: Network Multidimensionality In The Digital AGE, 2., 2010, Los Angeles. *Paper* [...]. Los Angeles, 2010.
- PAPACHARISSI, Zizi. A networked self. In: PAPACHARISSI, Zizi. *A networked self: identity, community, and culture on social network sites*. London: Routledge, 2011. p. 304-318.
- PORTUGAL, Sílvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. *Oficina do CES*, Coimbra, n. 271, mar. 2007.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Structure and function in primitive society: essays and addresses*. London: Cohen and West, 1952.
- SIMMEL, Georg. Quantitative aspects of the group. In: SIMMEL Georg; WOLFF, Kurt H. *The sociology of Georg Simmel*. Glencoe, Illinois: Free Press, 1950.
- SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p.165-181.
- SRNICEK, Nick. *Platform capitalism*. John Wiley & Sons, 2017.
- WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- ZUBOFF, Shoshana. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. *Journal of Information Technology*, London, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015.

**Declaração de Co-Autoria:** Camila Caldeira Nunes Dias e Vinicius Assis Couto declaram que o trabalho de concepção e de redação foi realizado de forma conjunta pelos dois autores.

\*Minicurrículo do/as Autore/as:

**Vinicius Assis Couto.** Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Pesquisador junto ao Núcleo de Estudos em Segurança da Fundação João Pinheiro. E-mail: viniccouto@gmail.com.

**Camila Caldeira Nunes Dias.** Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2011). Docente permanente junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC. E-mail: camila.dias@ufabc.edu.br.